

# ANALISANDO O DIFERENCIAL DE GÊNERO NO TRABALHO EM AMBIENTES RENOVADOS

---

**Maria Helena Santana Cruz**

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: helenacruz@uol.com.br

*Resumo: O estudo sob a abordagem de gênero analisa as trajetórias de trabalhadores, principalmente mulheres, na área da produção de softwares digitais/computacionais, característicos das novas tecnologias da informação e da comunicação, entendidas como redutos masculinos. As relações estabelecidas entre gênero, ciência e tecnologia, são consideradas esferas mutuamente interferidas a partir de atuação na dimensão da cultura, compreendendo-se que as atividades tecnocientíficas estão permeadas por valores culturais e sociohistóricos. O estudo de caso organizacional foi desenvolvido na Secretaria de Estado da Fazenda de Sergipe (SEFAZ/SE), que integra 84 profissionais em quinze diferentes ocupações e em seis cargos de chefia (58 homens e 26 mulheres). Foram consultados documentos, sites, priorizando-se 12 entrevistas semiestruturadas realizadas com seis mulheres analistas de sistemas e programadoras/es e quatro gerentes do setor (uma mulher e três homens), da área tecnológica, na área de produção. As estatísticas de imediato descobrem a permanência da segmentação e divisão sexual do trabalho.*

*Palavras-chave: gênero; trabalho-qualificação; informática.*

## Introdução

O início do século XXI está passando por uma fase de transição voltada a uma nova ordem mundial e a um novo sistema mundial que será regido claramente por fortes capitalismo de Estado, cuja ação conjunta buscará regular comércio, movimento de capitais e serviços, assim como o movimento da mão de obra mundial. Durante esse período de transição, as potências continentais e as integrações regionais desempenharão papel decisivo para organizar esse novo sistema mundial, seguindo uma filosofia política que servirá de base doutrinária para o pleno desenvolvimento de uma civilização planetária, pluralista, democrática e igualitária apoiada nos direitos humanos e no direito dos povos, na paz e no respeito à soberania nacional.

Sabe-se que a economia mundial está passando por um processo de transição que se manifesta tanto na base produtiva quanto nos âmbitos financeiros e políticos. Essas mudanças têm se refletido sobre os diversos mercados e estão, de algum modo, associadas à emergência da *Terceira Revolução Industrial*; à formação de blocos econômicos, ao grande aumento do volume de recursos transnacionais no sistema financeiro internacional e ao fortalecimento do neoliberalismo como a expressão política desse processo. (GIDDENS, 1991).

Discute-se com veemência a superação do paradigma de produção baseado no modelo taylorista/fordista pelo novo modelo produtivo, conhecido como “especialização/acumulação flexível”, que apresenta três grandes características: as inovações tecnológicas trazidas pela informática, microeletrônica e pela descoberta de novos materiais, possibilitando um grande aumento da produtividade e maior flexibilidade dos processos produtivos. A eletrônica amplia o desenvolvimento da automação, da robótica, da telemática, determina outras formas de utilização da força de trabalho que implicam em ressignificações nas relações de poder. Emergem novas exigências em termos de qualificação, obsolescência de algumas funções e desenvolvimento de outras, e mudanças nas relações sindicais.

Essas transformações têm reafirmado as tendências mais gerais que vêm se manifestando em quase todos os setores da atividade econômica presente no país, impulsionadas pela busca incessante de “acumulação flexível” (HARVEY, 1994). A segunda característica expressa-se pela mudança das relações entre as empresas, onde se dissemina a prática da *terceirização*, uma prática que concentra os esforços naquelas atividades sobre as quais a empresa detém evidentes vantagens competitivas, desmembrando parte de suas outras atividades e passando a adquirir serviços e insumos de outras empresas, sejam elas nacionais ou não, expressando, dessa forma, uma tendência de descentralização empresarial e desverticalização industrial. A última característica refere-se ao advento de novos processos organizacionais na produção

e no trabalho interno das empresas, que objetivam, fundamentalmente, o aumento da eficiência. Para isso, tem-se procurado diminuir o número de níveis hierárquicos como forma de agilizar a tomada de decisões, por meio, principalmente, de uma maior coordenação interna entre as várias áreas e departamentos. Isso tem possibilitado a maior participação do trabalhador na gestão do processo de produção.

Observa-se hoje uma acentuação da heterogeneidade, grande mobilidade do capital, mas restrição da mesma mobilidade para a mão de obra. Nessa linha de reflexão, o desenvolvimento humano, passa a necessitar cada vez mais da defesa de todos e de cada indivíduo, levando-se em consideração a diversidade e a tolerância, haja vista que as mudanças no mundo do trabalho não se limitam a questões econômicas e financeiras. Ao mesmo tempo em que o leque social se abre para a diversidade, acarreta, de uma forma contraditória, uma política de intolerância.<sup>1</sup>

O processo de organização da economia mundial e as transformações técnico-organizacionais não só têm afetado as condições, os meios e as relações de trabalho, como também estão associados à construção de novas formas de representação ou ressignificação das noções de *trabalho*, *qualificação*, *competência* e *formação profissional*. É preciso tentar compreender nessa nova dinâmica conjuntural as mediações que engendram transformações decorrentes do processo de transição de uma antiga ordem social para uma nova ordem, bem como demonstrar que a compreensão dos processos de inovação nas empresas requer a análise da dinâmica organizacional que propicia a existência de mecanismos, incentivos e regras de acumulação, uso, reprodução e circulação de diversos tipos de conhecimento como suporte da dita inovação. Considerou-se relevante estudar as tecnologias e como as sociedades organizam-se em torno dela, seus significados, impactos na cultura e em homens e mulheres, enquanto seres sociais.

Os estudos sob a perspectiva de gênero analisam o trabalho feminino nos contextos de globalização e de modernização tecnológica para revelar as oportunidades encontradas por mulheres na esfera da produção, e identificar traços que permeiam as relações sociais. Nessa linha de argumentação, este estudo insere-se nos cenários científico-tecnológicos, digitais-sociais da contemporaneidade, por gerarem configurações complexas de gênero que carecem de estudos mais aprofundados, ensejando questionamentos. Estariam as mulheres exercendo atividades nos contextos de produção de *softwares*, principalmente os relativos à informação e à comunicação? De que modo as trajetórias de vida direcionaram as mulheres para escolha da área de informática como setor de formação e de trabalho? Como elas o estão ocupando? Quem se beneficia das TIC e quem dita o curso destas? As qualificações sociais tácitas

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, a adoção de políticas que respeitem a multi-identidade e a multiculturalidade é a única abordagem sustentável de desenvolvimento.

influenciariam o acesso/seleção de mulheres para os postos na área de informática? Como as demandas de novas competências são reconhecidas por trabalhadores(as)? Os trabalhadores do setor de informática percebem diferenças de gênero?

Este estudo objetiva analisar as trajetórias, principalmente femininas, na área da produção de *softwares* digitais/computacionais, característicos das novas tecnologias da informação e da comunicação, entendidas, até então, como redutos hegemonicamente masculinos. Enfatiza os valores referentes às questões de gênero visando compreender como as “tecnologias” e “normas”constituem as relações de gênero, do sujeito feminino inserido em uma sociedade com a intervenção da ciência e da tecnologia, atribuindo especial destaque às experiências dos analistas de sistemas e programadores da SEFAZ – Secretaria de Estado da Fazenda de Sergipe /SE.

A reflexão dos/as participantes da pesquisa sobre as práticas cotidianas no contexto de trabalho constitui um estímulo à apropriação do conhecimento e utilização dos artefatos tecnológicos, visto que tais aspectos convergem para a formação da cidadania. Compreende-se que as atividades tecnocientíficas estão permeadas por valores culturais e sócio-históricos. Nesse espaço, concretiza-se a divisão sexual do trabalho, a qual põe de manifesto que cada tarefa é dotada de gênero na relação que as trabalhadoras e trabalhadores têm com a tecnologia, que também tem gênero.

O trabalho e o emprego constituem elementos socializadores, um espaço/ambiente de mediação para a construção das relações que se estabelecem entre ciência, tecnologia e a democratização das relações sociais de gênero, enquanto esferas mutuamente interferidas a partir de atuação na dimensão da cultura. Como homens e mulheres estão mergulhados num contexto, estudá-los em sua historicidade parece o meio mais eficiente para compreender o processo de construção de identidade de gênero em nosso país no século XXI, indicando fatos e interpretações que reforçam a análise empreendida e certos desafios do presente. As identidades de gênero vão-se construindo durante toda a vida. Na etapa adulta do processo de socialização, definem-se por meio de distintas instituições e práticas sociais.

Nesse sentido, a inserção das mulheres em certas profissões, antes consideradas “masculinas”, consolida o fato de que essa construção é social e não natural.

Entende-se que o uso da internet trouxe impactos para as culturas, como também para a sociedade de modo geral, principalmente para as novas gerações que estão em permanente contato com os instrumentos das novas tecnologias, como computador, internet, desde muito cedo. Assim, perceber-se-á que a influência das novas tecnologias se faz presente na atualidade, que as pessoas se desenvolvem ao mesmo tempo em que se apropriam da tecnologia, ou seja, é um desenvolvimento mútuo. Segundo Castells (2003, p.10), “as pessoas, as instituições, as companhias e

a sociedade em geral, transformam a tecnologia, qualquer tecnologia, apropriando-a, modificando-a, experimentando-a". Assim, não há possibilidade de perceber o indivíduo e a tecnologia em separado de sua conjuntura histórica, nem de sua cultura. Este estudo justifica-se pela necessidade de entender como a sociedade se organiza em torno das tecnologias, quais os seus significados, os impactos que provocam sob a cultura e o homem, enquanto ser social atuante.

**Revedo conceitos** – A posição social das mulheres na hierarquia social deve estar presente nos estudos sobre o trabalho e sobre as mulheres por ser constitutiva da noção de gênero (KERGOAT, 1995). Sendo assim, "gênero" diz respeito a relações de poder que constituem um campo no qual este é articulado (SCOTT, 1995). O conceito de "gênero" é compreendido como construção social do sexo e como uma forma de rejeitar uma abordagem biológica e determinista que o uso da categoria "sexo" carregava. "Gênero" demonstra as diferenças que existem entre homens e mulheres como produto da cultura, sendo a primeira instância das significações dessas relações de poder. Para Bourdieu (1999), as desigualdades de gênero se reproduzem conforme um sistema existente na sociedade que ele chama de *habitus*, que é adquirido desde a infância através de uma coletividade de agentes e instituições.

A categoria gênero constitui um instrumento de análise adequado para o estudo das desigualdades das mulheres por se entender que o conceito de gênero desconstrói a arqueologia de significados a partir de vários espaços em que ele se constrói: a família, o mercado de trabalho, as instituições e a subjetividade (CRUZ, 2005, p.45). O conceito de "gênero" é compreendido como construção social do sexo e como uma forma de rejeitar uma abordagem biológica e determinista que o uso da categoria "sexo" carregava. "Gênero" demonstra as diferenças que existem entre homens e mulheres como produto da cultura, sendo a primeira instância das significações dessas relações que são relações de poder.

Identificar gênero de forma equivocada, com características biológicas de cada sexo, pode direcionar a tecnologia a ser vista como algo masculino. Para Bevacqua (2008), *tecnologia e gênero* constituem uma face dos estudos relacionados à Ciência, Tecnologia e Sociedade, que buscam examinar distintas perspectivas nas relações entre mulheres, homens e tecnologia. As inovações tecnológicas têm impactos diferenciados em relação às categorias profissionais, que de acordo com o grau de qualificação do profissional, assume destaque na empresa, fato que confirma as disparidades entre mão de obra qualificada e não qualificada, em que os homens representam a primeira alternativa e as mulheres a segunda. Considerou-se que a exigência de flexibilidade comportamental nos novos conceitos de produção está frequentemente relacionada com a maior flexibilidade de mulheres nos processos interativos. Nesse sentido, para Deluiz (1995, p. 161), "As qualificações profissionais são respostas a necessidades econômicas, políticas, sociais e culturais de sociedades historicamente datadas.

Para Castells (1999, p. 10), “as pessoas, as instituições, as companhias e a sociedade em geral, transformam a tecnologia, qualquer tecnologia, apropriando-a, modificando-a, experimentando-a”. As tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura. Pesquisar as relações de gênero a partir das transformações no trabalho e dos requisitos de qualificação necessários na área de informática, significa interrogar a respeito da inserção da mulher em tal campo, estimular a reflexão das(os) participantes da pesquisa sobre as práticas cotidianas no contexto de trabalho, com relação à apropriação do conhecimento tecnológico, a democratização das relações de gênero, a utilização dos artefatos tecnológicos, visto que tais aspectos convergem para a formação da cidadania.

No “novo modelo produtivo”, o trabalho cooperativo em equipe, a falta de demarcação de tarefas a partir dos postos de trabalho e tarefas prescritas a indivíduos, implicam um funcionamento fundado na *polivalência na rotação* de tarefas de fabricação, de manutenção, de controle da qualidade e de gestão da produção.<sup>2</sup> Hirata (2002) questiona os novos paradigmas produtivos e de qualificação na análise da divisão internacional do trabalho e da divisão sexual do trabalho e adverte: o trabalhador homem tem sido o referencial explícito ou implícito do trabalhador universal. O termo qualificação tem sido empregado para referir-se ao domínio de conhecimentos técnicos supostamente detidos pelo trabalhador, seja em virtude de sua experiência, seja em decorrência de cursos de formação (ou em função de ambos). Esse termo também se refere ao conjunto de tarefas atribuídas a um posto de trabalho (qualificações do emprego). O termo competência, para além dos conhecimentos técnicos, refere-se ao conjunto de saberes que é portado por um trabalhador, mesmo que não técnicos, mas, principalmente, refere-se à capacidade e disponibilidade que tem esse trabalhador, de mobilizar os diferentes saberes para enfrentar e resolver os problemas e imprevistos com que se depara no trabalho. É, portanto, um conceito que consulta muito de perto os interesses da empresa integrada e flexível (CASTRO, 1992).

As qualificações e competências cognitivas – sempre estão relacionadas com as características e figuras masculinas: leitura e interpretação de dados, lógica funcional, capacidade de abstração, criatividade, responsabilidade, iniciativa, autonomia e competências comportamentais (CRUZ, 2005, 2003). A “qualificação tácita”, informal, é amplamente solicitada para o trabalho com as novas tecnologias. Prognostica-se que o modelo produtivo da especialização flexível, favoreceria o acesso e a valorização de *habilidades tácitas* (WOOD, 1984) historicamente consideradas femininas: lealdade, comprometimento, capacidade de iniciativa, flexibilidade, destreza manual, atenção a detalhes, paciência para a realização de trabalhos repetitivos, habilidade

---

<sup>2</sup> Assim, uma nova modalidade de gestão impõe um padrão de um máximo de polivalência e multifuncionalidade, de controle de qualidade e de manutenção para cada categoria de trabalhadores. São amplamente solicitadas e valorizadas novas competências: *envolvimento, participação, cooperação, responsabilidade e motivação do trabalhador.*

de comunicação e de solução de conflitos, sensibilidade e intuição. Sob a égide do novo paradigma produtivo, a qualificação é considerada altamente formadora de subjetividades e identidades do trabalhador(a).

**Breve resgate histórico da informática** – Nos últimos 50 anos, a história da informática tem se desenvolvido de forma intensamente alinhada com o desenvolvimento das ciências. A história das ciências relaciona-se diretamente com a história da informática por ser esta claramente formada pelas ideias e criações de uma grande quantidade de matemáticos, engenheiros e cientistas, que ao sentirem a frustração de perderem tempo com longos e fastidiosos cálculos, reconhecidamente repetitivos, deram início à pesquisa sobre o computador, mesmo que essa descoberta não fosse o objetivo inicial. As mulheres não foram imaginadas como integrantes dessa história de criação envolvendo a informática, principalmente em relação à tecnologia ser uma área das ciências tradicionalmente dominada por homens.

Não se deve esquecer a contribuição das mulheres para a ciência. Muitas mulheres prosperaram no campo da matemática, chegando a lecionar em universidades no século XVIII. A matemática é considerada uma atividade de apoio para os cientistas, um espaço ocupado pelas mulheres pioneiras, formadas em matemática e ciências, muitas com doutorado, começando a trabalhar com os primeiros computadores. Destacam-se: Ada Byron (Lady Lovelace) (1815-1852), considerada a primeira programadora da história. Filha do famoso Lord Byron, Ada foi casada com o matemático Charles Babbage, criador do Engenho Diferencial, uma máquina de calcular com o objetivo de computar tabelas aritméticas.<sup>3</sup> Sua participação na tradução de artigos do marido lhe rendeu importância. Impressionado com as anotações de Ada, Babbage a convidou para participar no desenvolvimento que culminou com o desenho do Engenho Analítico, um precursor do computador.<sup>4</sup>

Segundo Garcia e Sedeño (2002), na ciência moderna, o prestígio de determinadas atividades científicas é inversamente proporcional à atuação das mulheres nelas, ou seja: a mulher exerce ações na ciência até que as mesmas se institucionalizam e se profissionalizam, momento em que os homens as incorporam em seu agir. Aliás, esse fenômeno é típico em diversas áreas do conhecimento, a exemplo da medicina, visto que, ao se institucionalizar seu ensino nas universidades, na Idade Média, apareceram as primeiras reivindicações oficiais contra a prática da medicina por mulheres. Ou,

---

<sup>3</sup> Através de exemplos utilizados por ela com os números de Bernoulli, desenvolveu conceitos e estruturas que muito se assemelham com a estrutura utilizada nos programas de computador atualmente.

<sup>4</sup> Outras mulheres tiveram participação importante na história da computação. Por exemplo, Grace Murray Hopper contribuiu para o desenvolvimento da linguagem de programação COBOL, utilizada até aos dias atuais, e participou no desenvolvimento do primeiro compilador. Destaque também para o grupo de mulheres que faziam parte da equipe que realizava cálculos balísticos na Segunda Guerra Mundial, que por sua capacidade foram convidadas a participar decisivamente do Projeto de Desenvolvimento do ENIAC, o primeiro computador eletrônico da história.

ainda, quando as mulheres entraram para as ciências humanas e sociais, a área das ciências exatas é que passou a ter mais prestígio, sendo historicamente ocupada pela maioria de homens. A consolidação de relações sociais democráticas no trabalho traz em seu bojo a construção de uma nova sociedade de classes, com o aprofundamento dos acessos diferenciados à cidadania, aos serviços básicos e à qualidade de vida. A barreira de gênero reflete-se na redução do número de mulheres presentes em cursos de graduação em ciências da computação.

A partir do conceito de difração proposto por Haraway (2000) para as mulheres (e homens) que produzem saberes sócio-historicamente situados, a partir de perspectivas específicas de suas localidades, a difração que elas passam é a provocada exatamente por seus saberes e conhecimentos adquiridos por suas trajetórias de vida e vivências diversificadas, fazendo, portanto, a diferença no mundo atual. Acadêmicos feministas de gênero nas ciências e na tecnologia argumentam que a maioria dos homens se relaciona de maneira diferente com as tecnologias devido a valores e práticas culturais. No setor de informática, no “ombro a ombro” com o homem, questiona-se a competência técnica das mulheres, haja vista que os homens estão tradicionalmente associados a tecnologias, e as mulheres, a atividades não tecnológicas.

Nesse sentido, Cokburn (1990, p. 12) prognostica: “a luta em que muitas mulheres estão hoje engajadas buscando obter competência técnica na ciência, na engenharia, nas salas de aula ou nos locais de trabalho, é uma luta muito mais pela desmasculinização do que pela qualificação”. Para a autora, como os homens estão tradicionalmente associados com tecnologia e as mulheres com atividades não tecnológicas, a presença delas em espaços masculinos desafia o senso enraizado de lugares reservados a homens e mulheres e os faz questionar sobre quais seriam as atividades “apropriadas” a homens e mulheres.

Esses assuntos envolvem a cultura, a questão da *diversidade cultural*, o direito a comunicar e os direitos de propriedade intelectual. O indivíduo, ao nascer, já está inserido em uma sociedade, assimilando assim sua cultura (GEERTZ, 1978). Entende-se aqui cultura no sentido antropológico, como um conjunto de regras que organizam a sociedade e dirigem os comportamentos individuais. A cultura está sempre em mutação, transformando-se e adaptando-se às mudanças tanto históricas como tecnológicas, produzindo sentidos e significados. O termo é usualmente utilizado como sinônimo de educação e não como o conjunto de características de uma dada sociedade; e também é empregado para classificar grupos, pessoas ou sociedades.

**TIC e as questões de gênero** – As mulheres não foram imaginadas como integrantes dessa história de criação envolvendo a informática, principalmente em relação à tecnologia ser uma área das ciências tradicionalmente dominada por homens. Hirata (2002, p. 198) considera que o controle masculino da tecnologia desqualifica



as mulheres da mesma maneira que os técnicos e os cientistas do capital desqualificam os operários. A omissão da participação das mulheres na história da informática perpetua o entendimento da mulher como desinteressada ou incapaz nessa área.

A participação feminina nas TIC, segundo Sabanes (2008), é fator decisivo para resistência da dominação de gênero. As mulheres ainda têm pouca representação nos processos decisórios com relação às TIC, e estas por sua vez se mostram neutras na questão da diferença de gênero, ou seja, as políticas nessas áreas pouco dão importância para as questões de gênero, é preciso que as mulheres se envolvam ativamente nos projetos de novas tecnologias de modo a evitar a exclusão. O relatório da Organização Internacional do Trabalho indicou (OIT, 2001) que tem ocorrido um aumento na renda das mulheres que trabalham com as TIC. No entanto, a discriminação de gênero permanece, em função de os homens conseguirem melhores e mais complexos cargos que as mulheres. Isso se reflete na diferença de salários, não só pelo gênero mas também a dificuldade de acesso as TIC se dá devido classe, educação, cultura, idade que são fatores de exclusão das mulheres no campo das TIC, principalmente em altas posições. O referido relatório da OIT propõe a criação de políticas de proteção dos direitos trabalhistas femininos na indústria de TIC.

**Os procedimentos adotados na pesquisa** – A pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo tendo como opção metodológica o “estudo de caso organizacional”<sup>5</sup> na Secretaria de Estado da Fazenda de Sergipe – SEFAZ/SE (particularmente a área de informática) responsável pela administração tecnológica tanto para a aquisição de equipamentos (computadores, impressoras etc.) quanto para o desenvolvimento e a manutenção de *softwares* (sistemas de informação).

Atualmente a organização integra em seus quadros 84 profissionais (58 homens e 26 mulheres), em 15 ocupações e em seis cargos de chefia. Em mudança recente, (2002 a 2007), a direção do setor foi ocupada por uma mulher. No nível intermediário existem os cargos de analistas de sistemas ocupados na proporção de 60% de mulheres e 40% de homens. Por fim, na base do organograma, estão os cargos de programador, (82% de homens e 17% de mulheres). Para a produção do conhecimento, foram consultados documentos, *sites*, priorizando-se 12 entrevistas semi-estruturadas realizadas com seis mulheres analistas de sistemas e quatro gerentes do setor (uma mulher e três homens).

**Breve Histórico da tributação no Brasil e em Sergipe** – O histórico da tributação no Brasil é dividido em três modelos políticos: Colônia, Império e República.

---

<sup>5</sup> Procurou-se integrar os aspectos macro/micro, reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação, tendo em vista desvendar a trama das relações sociais e apontar elementos capazes de informar análises que contribuam para a melhor compreensão das transformações nas relações sociais de gênero.

Durante nossa fase colonial os tributos eram ditados por Portugal, nossa metrópole, e assim os brasileiros eram indiscriminadamente explorados pelos funcionários da coroa. A legislação tributária virou uma verdadeira desordem, pois as províncias cobravam impostos sobre produtos já tributados pela União e ainda os demais impostos eram numerosos e abusivos.

Com o tempo e a utilização de emendas constitucionais, tentou-se regular a questão, delimitando impostos da União e das Províncias, mas estas cobravam impostos inconstitucionais. No decorrer dos anos muitas foram as alterações nos impostos e na maneira como eles eram cobrados. Uma significativa mudança foi introduzida com a Constituição de 1946, na qual no inciso XV, alínea “b” do art. 5º, coloca-se o Congresso Nacional como único órgão competente para legislar sobre o sistema financeiro. Podemos colocar como divisor de águas na política tributária nacional a Lei nº 5.172/66, possibilitada pela emenda Constitucional nº 18 de 1965, também conhecida como Código Tributário Nacional. A partir da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1967, e Emenda nº 1 de 1969, foi instituído o Sistema Tributário Nacional, e com a Constituição de 1988, institui-se o princípio da estrita legalidade, bem como o princípio constitucional da vedação ao confisco.

Conforme documentos consultados, em Sergipe, a história tributária possui um contexto muito amplo, pois, desde o período colonial já existiam processos de receitas como resultados de trabalhos de contribuições no Estado.

A SEFAZ foi criada em 1936, passando por várias mudanças administrativas até o ano de 2008, introduzidas por 28 gestores (todos do sexo masculino) que assumiram os secretários da Fazenda, indicando a exclusão feminina no comando da instituição. A organização possui um histórico tecnológico subdividido em quatro períodos marcados por grandes mudanças nos processos de trabalho e nas relações internas e externas da área tecnológica da instituição. Em 1986 ocorreu a inauguração da digitação das informações dos contribuintes em Mainframe –computadores de grande porte e com alta capacidade de armazenamento e processamento. Em 1992, foi implantado o controle de informações de contribuintes, recolhidas nos postos de fronteira em equipamentos de plataforma baixa (microcomputadores). Em 2000, implantou-se na instituição o PROMATE, processo de migração completa de todos os dados em Plataforma Mainframe para equipamentos de plataforma baixa (microcomputadores), acontecimento acompanhado pela instalação de um parque computacional próprio, no interior das instalações da SEFAZ-SE.

**Perfil das(os) trabalhadoras(es) da Área Tecnológica** – Em 2008 foram observadas algumas alterações no perfil dos profissionais da organização e no padrão de contratação referente à área tecnológica. Entre os 84 trabalhadores, 58 são homens e 26 mulheres, lotados em 15 cargos, em varias sessões, evidenciando-se assimetria

do poder na hierarquia da instituição. Constam entre os *analistas de sistemas* seis mulheres e quatro homens e inversamente, entre os programadores constam apenas três mulheres e 22 homens. As analistas de sistemas são mais jovens do que os gerentes, inserem-se nas faixas etárias entre 25-30 anos e 31-40 anos; os gerentes inserem-se nas faixas etárias entre 30 anos e 41-50 anos de idade, com tempo de serviço que varia de 10 a 20 anos, 11 a 20 e até 30 anos entre os gerentes. Quanto ao estado civil, prevalecem trabalhadores casados.

Para os gerentes, as escolhas profissionais surgiram por diversos motivos como: afinidade com a área de exatas, familiaridade e habilidades obtidas na formação acadêmica em disciplinas com maior “peso” para inserção nos cursos de informática e chances de inserção no mercado de trabalho, conforme os exemplos:

Minha área de formação é jurídica, eu sou advogado entrei como auditor, fiz pós-graduação MBA em direito tributário vinculado a área, [...], aí, mais ou menos em 2000, a secretaria resolveu migrar auditores pra área da tecnologia [...], aí vim pra área de tecnologia como um desafio, fui me especializar pra entender e obter um conhecimento mínimo da área, do linguajar da área de informática. (informação verbal).<sup>6</sup>

A minha trajetória foi toda aqui praticamente na área desde a graduação na universidade, estagiei no TRT - Tribunal Regional do Trabalho - durante dois anos [...] quando terminei o estágio em janeiro, me formei em fevereiro e comecei a trabalhar no Tribunal de Contas como programadora em março. Aí fiquei só o mês de abril e um pedacinho de maio, e no dia 22 de maio comecei a trabalhar aqui. (informação verbal).<sup>7</sup>

O processo de empoderamento das mulheres não ocorre de forma homogênea, mediante a inserção nas organizações do setor de informática na administração pública estadual. O empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações e as comunidades tomam o controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomando consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir (COSTA, 1998, p. 43). O acesso das mulheres ao trabalho com tecnologia sempre foi dificultado, seja pelo preconceito que a área impõe às mulheres, seja por elas próprias que às vezes se colocam como inferiores aos homens para o desenvolvimento de determinada função. Existem também situações muito raras em algumas instituições de ensino em que as mulheres predominam nos cursos de informática, o que proporciona a estas mulheres uma visão diferente da realidade mundial da mulher com relação ao manejo de tecnologias. Os depoimentos são elucidativos:

Nenhum nunca sentiu isso. Por incrível que pareça, na minha turma se formaram 7 mulheres e nenhum homem. Todas, acompanho a todas, e todas estão na área, as pessoas falam que é só homem, a minha realidade da UNIT era só mulher. (informação verbal).<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Gerente 3.

<sup>7</sup> Entrevistada R.

<sup>8</sup> Entrevistada C.

A área de exatas é predominantemente masculina, [...]. Talvez seja também oportunidade; antigamente as mulheres não chegavam a ter inserção no mercado como tem hoje, né? As oportunidades são maiores em todas as áreas. [...], então eu acho que existem tabus e barreiras de várias formas, tanto da mulher que entra no mercado de homem, como de homem que entra no mercado de mulher. (informação verbal).<sup>9</sup>

As mulheres não foram imaginadas como integrantes da história de criação que envolve a informática. As tecnologias sempre foram vistas como a área das ciências tradicionalmente dominada por homens. A este respeito, segundo Sabanes (2008), a participação das mulheres nas TIC, é fator decisivo para resistência da dominação de gênero. As representações ainda revelam resquícios de uma sociedade patriarcal.<sup>10</sup> Essa estrutura tem ressurgido com o desenvolvimento do capitalismo. [...] “o patriarcado é definido como um sistema sexual de poder no qual os homens possuem poder e privilégio econômico e controle sobre o corpo das mulheres através de diversas manifestações” (CRUZ, 2005, p. 39). A discussão em torno do sistema do patriarcado questiona fortemente a dominação masculina, as diferenças que representam o papel do homem em relação ao da mulher, principalmente ao se falar em trabalho.

**Oportunidades de qualificação/capacitação profissional** – O impacto trazido pelo uso das tecnologias de base microeletrônica tem ocasionado nos últimos anos, transformações significativas no processo de produção de bens e serviços, na organização do trabalho e nos processos de qualificações, atingindo a formação profissional que se vê impregnada a ajustar-se aos novos papéis que o trabalho desempenha na sociedade contemporânea, que se “tecnifica e se automatiza” As oportunidades de qualificação são imprescindíveis no processo de formação do trabalhador, que mantém-se desprovido destas pela empresa.

Os depoimentos esclarecem: “Temos as viagens, mas não são para fazer curso, não é treinamento, não é uma coisa de qualificação, mas sim em termos pessoais”. Aqui é complicado, essa parte de capacitação ainda é bem limitada, ou seja: a qualificação oferecida aos trabalhadores do setor da informática, ainda deixa muito a desejar. A capacitação desses trabalhadores ainda é buscada por cada um de forma autodidata, fora do ambiente de trabalho. A empresa tende a cobrar do trabalhador aquilo que não oferece e desse modo o profissional busca desenvolver certas competências.

Neste ponto, autores têm enfatizado diferentes aspectos do capital social dos trabalhadores, e, em consequência, têm elaborado distintas definições dele. O capital

---

<sup>9</sup> Entrevistada A.

<sup>10</sup> O “Patriarcado” refere-se a uma forma de poder político mas, apesar de os teóricos políticos terem gastado muito tempo discutindo a respeito da legitimidade e dos fundamentos de formas de poder político, o modelo patriarcal foi quase totalmente ignorado no século XX.

social é entendido como um ativo intangível que permite às pessoas e aos grupos obter benefícios como consequência de sua participação em redes sociais nas quais construíram laços de confiança, compartilham princípios éticos, se estabelecem relações de reciprocidade, e ocorrem ações de cooperação. Os gerentes justificam não existir dificuldade para as mulheres no quesito ascensão a cargos de comando:

Dos locais que eu passei eu não vi isso não, você vê aqui, por exemplo, tem mais analista mulher na área de direção, [...] então eu particularmente não vejo isso não, eu acho que é pela competência, pelo seu destaque, como realmente a mulher é mais detalhista, ela consegue ser um pouco mais detalhista, um pouco mais cuidadosa, eu acho até que ela tem uma maior facilidade de assumir um posto de direção, ela foca mais na questão da solução, de resolver o problema do servidor, ser mais ativa e por a mão na massa (informação verbal).<sup>11</sup>

Aqui é o seguinte, aqui na SEFAZ somos *todos terceirizados*, por meio de um plano que virou lei, feito com a consultoria para as empresas, que especifica os deveres necessários para cada função. A gente tem autonomia até certo ponto [...] ex. programador, pra ser programador ele tem que ter tal, uma escolaridade específica, 1, programador 2 ,3, 4. Depois analista 1, 2 ,3,4 e tal; tem pessoas que estão no topo em virtude de indicação por estar dentro daquele quesito. Então se você quer crescer deve buscar se atualizar, fazer outro curso, uma pós-graduação, tem que fazer por onde (informação verbal).<sup>12</sup>

Na área tecnológica conhecida como GERTEC, identificam-se dificuldades com relação às promoções para as mulheres, pelo fato de serem funcionárias da empresa terceirizada (Sergipe Parque Tecnológico) para prestação de serviços à SEFAZ. Neste ponto, a segmentação vertical fortalece a desigualdade de gênero no trabalho. A valorização de novas competências e habilidades para o trabalho no setor da informática, é destacada principalmente nos processos de seleção do analista e do programador, orientados por requisitarem dos candidatos competências e habilidades muito completas:

Olha aqui como competência ele precisa conhecer [...], competência treinada, eles fazem uma provinha pra gente saber se eles conhecem, também tem que saber um pouco de análise, e ele tem que ter habilidade de como eu disse anteriormente de fazer, ele tem que ser pró-ativo, procurar informações e se reciclar (informação verbal).<sup>13</sup>

A pessoa tem que demonstrar flexibilidade, comprometimento, qualificação técnica, e esses requisitos geralmente estão ligados à formação pra incentivar o pensamento intelectual do nosso quadro, onde pra que ele venha a assumir outro nível ele preencha esses requisitos dados pela consultoria (informação verbal).<sup>14</sup>

Grande parte das empresas hoje desenvolve sistemas de consultoria, em que se impõe uma grande série de requisitos necessários no perfil do trabalhador para ser

---

<sup>11</sup> Gerente 1.

<sup>12</sup> Gerente 2.

<sup>13</sup> Gerente 1.

<sup>14</sup> Gerente 3.

empregado. Segundo Deluiz (1995), o conceito de competência remete a uma realidade dinâmica, onde convivem as exigências de eficácia e produtividade do trabalho e a necessidade de um trabalho qualificado, competente. A noção de competência abrange conhecimentos, capacidades e atitudes, que pode ser para ambos os sexos, destacando-se os atributos comportamentais. Alguns autores enfatizam diferentes aspectos do capital social e, em consequência, tem elaborado distintas definições do mesmo.

### **Atividades de homens e mulheres com novas tecnologias na SEFAZ/SE**

– A entrada de mulheres no trabalho com as novas tecnologias tem-se processado recentemente. Por esse motivo, todos(as) entrevistados(as) enfatizam que não existem diferenças entre os sexos no desenvolvimento das atividades: “Acho que são iguais, têm pessoas tanto homens como mulheres que são programadores e que são analistas” (informação verbal).<sup>15</sup> As mulheres analistas não identificam diferenças entre homens e mulheres na execução das atividades na área tecnológica. Pelo menos acreditam que têm capacidades físicas e intelectuais iguais aos homens para desempenhar todas as atividades de trabalho de forma igual. Contudo, observam-se divergências entre as falas das mulheres analistas de sistemas e dos homens gerentes: enquanto elas acreditam em possibilidades iguais para ambos os sexos, os gerentes enfatizam que o trabalho na parte de suporte é diferenciado quanto à realização de atividades exercidas por homens e mulheres. Os depoimentos são elucidativos:

Olha, são iguais, não há uma diferenciação não, é como eu falei antes, as mulheres não se encaixam muito no suporte, mas a gente tem uma gerente de suporte, então eu não acho que tem que ter uma diferenciação não, tipo, esse cargo é pra um, esse é pra outro, isso depende da competência e habilidade de cada um (informação verbal).<sup>16</sup>

Aqui a gente não tem nenhuma preferência nesse sentido não, a gente vê das mulheres alguma resistência quando é aquela parte de suporte que tem que carregar máquina, instalar máquina, mas mesmo assim elas acabam se adaptando (informação verbal).<sup>17</sup>

Os estereótipos de papéis continuam a orientar a organização do trabalho. Ou seja, com base em estereótipos os gerentes justificam que as mulheres resistem ao trabalho no setor, demonstram receio de destinar a elas um trabalho considerado masculino, por ser de fato mais braçal, consideram que a maior parte do trabalho no setor é pensada por homens, apesar de ter um grande número de mulheres analistas. Para Kruger (2004), os estereótipos podem ser de duas qualidades distintas: positivos e negativos; e são atribuídos como crença compartilhada coletivamente acerca de característica psicológica, moral ou física atribuída a um grupo humano. É possível prognosticar que a mulher ainda continua agarrada às tradições patriarcais e tende a

---

<sup>15</sup> Entrevistada B.

<sup>16</sup> Gerente 1.

<sup>17</sup> Gerente3.

levar para o campo de trabalho uma visão estereotipada, muitas vezes considerando-se impossibilitadas de exercer funções até então vistas como masculinas.

Hirata (2002, p.198) considera que “o controle masculino da tecnologia desqualifica as mulheres da mesma maneira que os técnicos e os cientistas do capital desqualificam os operários”, ou seja, o predomínio da presença masculina com novas tecnologias proporciona uma maior ação tecnológica. As características intrínsecas da sociedade patriarcal vêm gerando desconfiança sobre a capacidade das mulheres desenvolverem-se particularmente no campo da ciência e da tecnologia. A perspectiva de gênero permite documentar o passo das mulheres nestas atividades e analisar este fenômeno em torno de uma sociedade discriminatória, androcentrista, que historicamente vem relegando a metade da população à esfera privada e com ela a invisibilidade (GARCÍA; SEDEÑO, 2002).

No Brasil, em se tratando da área de Engenharia, apesar de as mulheres terem conquistado o direito de cursarem o ensino superior (em 1879), enquanto área de estudo e trabalho, demorou a entrar nas perspectivas e/ou possibilidades profissionais das mulheres.

As novas tecnologias e as engenharias, em suas múltiplas manifestações, tradicionalmente, são campos caracterizados como masculino, evidenciando-se um perfil androcêntrico, como: mecânica, eletrotécnica, eletrônica, florestal, agronomia, industrial, madeireira, civil, de alimentos, entre outras. Essa dicotomia de gênero pode ser observada em seus diversos níveis: pesquisa, pós-graduação, graduação, ensino médio profissionalizante e técnico, nos cursos tecnológicos e engenharias da UFES.

O androcentrismo caracteriza-se pela postura segundo a qual todos os estudos, análises, investigações, narrações e propostas são enfocados a partir de uma perspectiva unicamente masculina, e tomados como válidos para a generalidade dos seres humanos. Não há um entendimento único na teoria feminista sobre o uso do conceito de *patriarcado*,<sup>18</sup> mas há consenso quanto à influência da razão androcêntrica sobre a ciência. Tal convencimento é fundamental para investigar o debate filosófico travado ao longo da história sobre o tema da igualdade, a fim de assentar a compreensão da influência do androcentrismo sobre os *valores e ideias* vinculados à distribuição e ao exercício de *poder* na sociedade.

---

<sup>18</sup> “O patriarcado não é, em absoluto, entendido pelas feministas de uma maneira única. Elas foram buscar o conceito em Max Weber, mas no movimento feminista “patriarcado” munuiu-se de múltiplos significados diferentes. Kate Millett teve grande influência na maneira de entender o conceito. Para ela o patriarcado como instituição é ‘uma constante social que perpassa todas as outras formas políticas, sociais ou econômicas’, embora reconheça existirem diferenças históricas e geográficas” (SCHOTTROFF apud GÖSMANN, 1996. p. 369-374).

Para os entrevistados – de modo geral, o homem tem certo poder (visto que é maioria), sob a ação tecnológica, principalmente na gerência –, considerado o posto de maior poder e *status* da área tecnológica da SEFAZ/SE. Desse modo, é possível prognosticar que a nova sociedade da informação ainda reflete velhas estruturas de relações de poder sobre as mulheres, apesar de já existir um alto crescimento das mulheres nas universidades nas áreas de comunicação. Pequeno é o acesso a organizações de poder decisório nos espaços de trabalho.

## Considerações Finais

O estudo analisou as diferenças de gênero e a valorização de novas competências voltados não só para os aspectos técnicos, mas sobretudo para formas de gestão de mão de obra no trabalho com inovação tecnologia.

A análise dos dados do trabalho com novas tecnologias de informação, de comunicação, oferece um novo espaço de disputas quanto às relações de poder que merece ser analisado. Nesse contexto, o ambiente integrado pelas novas tecnologias da informação (TICs), constitui um espaço de interação a ser explorado também pela ciência política. Compreende-se que a vinculação a esses espaços, também tratados como ambientes comunicativos, amplia a autoconfiança das mulheres, proporcionando-lhes maior acesso às agendas do feminismo, cujos pressupostos são autonomia, respeito aos direitos humanos e defesa da cidadania plena das mulheres.

Em forma crescente, as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) cumprem um papel primordial nas tarefas de formulação e implementação de um amplo conjunto de políticas públicas. As políticas relativas à equidade de gênero não constituem uma exceção, ao ponto em que os organismos internacionais propuseram a inclusão de uma perspectiva de igualdade de oportunidades nas ações de fomento das TIC (MARCELLE, 2002). Com efeito, as TIC poderiam se transformar em aspectos centrais da organização sociocultural da distribuição do poder entre homens e mulheres, tornando a natureza destas mudanças mais complexa de se avaliar (BONDER, 2002).

Acredita-se que os resultados empíricos deste estudo complementam as provas recentes de que a natureza da empresa pode implicar diferenças substanciais nas práticas de gestão e nos procedimentos de promoção. Na particularidade deste estudo, observou-se a existência de alguns avanços, na área de informática da SEFAZ/SE, em termos de igualdade entre gênero, indicando que tais relações estão em lento processo de transformação, sem contudo romper os mecanismos que historicamente inviabilizaram a democratização dos espaços tecnológicos.



A influência do *primado androcêntrico* sobre a justificação das desigualdades fundadas nas diferenças *naturais*, permite a compreensão da origem dessa forma de racionalidade e de suas implicações nas relações sociais. As transformações acarretadas pela tecnologia da informação e da comunicação (TIC) têm criado novas oportunidades econômicas e sociais no mundo inteiro. Contudo, seu uso permanece sendo dirigido por relações de poder existentes nas sociedades. Compreende-se que os padrões da desigualdade de gênero estão sendo reproduzidos na economia da informação, (igualmente ao que ocorre em todos os âmbitos).

As(os) entrevistadas(os) do setor tecnológico apresentam tendência a naturalizar as diferenças de gênero na instituição, com base em estereótipos que organizam as relações sociais no cotidiano do trabalho: “As mulheres são mais comunicativas”, “as mulheres são aptas a desenvolver serviços que exigem um maior zelo”. Em geral, os homens se orientam por um padrão de masculinidade caracterizado por força, disposição para a atividade física intensa, a exemplo da área de suporte, assim como para o trabalho no setor operacional que exige muita lógica, a exemplo dos programadores. Eles tendem a apresentar certa aversão às tarefas que envolvam o trabalho com documentos, que exige uma maior racionalidade, interpretação e paciência, considerados mais destinadas às mulheres.

As novas competências são valorizadas constantemente no processo de qualificação dos trabalhadores desta área, visto que as tecnologias estão sempre em processo de transformação, e as mulheres frequentemente ficam à margem deste processo, às vezes pelas barreiras familiares associadas aos papéis reprodutivos.

O fortalecimento das mulheres, com novos conhecimentos e habilidades, favorece a sua participação e a criação de capital social. Pode-se constatar que a inserção digital das mulheres constitui uma via de empoderamento de gênero, quando vinculada a processos sociais que estimulam a formação de redes temáticas de gênero, outras tecnologias sustentadas, mesmo que o acesso a esse meio não resulte em inclusão automática à sociedade do conhecimento e da informação.

A aproximação da mulher com a área tecnologia é um processo considerado complexo, exigindo a elaboração de políticas públicas capazes de incentivar, motivar as mulheres a entrarem em um espaço marcadamente masculino, assim como trabalhar a questão do preconceito e da discriminação com as mulheres despertadas pela informática. Hoje, no mundo inteiro, já existem várias campanhas, movimentos em busca da aproximação da mulher com as tecnologias de informação e comunicação.

Não se deve esquecer que a igualdade e a autonomia entre homens e mulheres figuram entre os objetivos de desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU) para o milênio, em matéria de educação. A fim de reverter os desequilíbrios

de poder, grupos da sociedade civil e organizações internacionais, entre estas a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), têm estado envolvidas em assuntos relacionados à democratização do âmbito das TIC. A ONU adverte sobre a necessidade ampliarem as possibilidades de se conseguir a igualdade dos gêneros, o empoderamento econômico, político e social das mulheres no contexto de uma utilização mais generalizada das TIC, incluindo as infraestruturas, embora reconhecendo que as mulheres são já importantes consumidoras.

*Abstract: The present study was developed under a gender approach and analyzes the trajectories of workers, mainly women, in the area of software production, which characterize the new technologies of information and communication, defined as reserved for males. The relations of gender, science and technology are considered spheres mutually interfered by the acting in the dimension of culture, understood that the techno-scientific activities are influenced by cultural and socio-historical values. The case study was conducted in the Treasury Department of Sergipe (SEFAZ/SE), among 84 professionals occupying 15 different charges and 6 management positions (58 men and 26 women). Several sources were used: documents, websites, focusing on 12 semi-structured interviews with 06 female systems analysts/computer programmers and 04 managers (one woman and three men), all from the technological area of software production. The statistics immediately discovered the permanence of segmentation and sexual division of labor.*

*Keywords: gender; work and qualification; informatics.*

*Recebido em outubro de 2010 e aprovado em dezembro de 2010.*

## Referências

- BEVACQUA, Ana C. de Souza. et all. *Gênero e Tecnologia*. Disponível em: <[http://www.ppgte.cefetpr.br/genero/trabalho/genero\\_tecnologia.pdf](http://www.ppgte.cefetpr.br/genero/trabalho/genero_tecnologia.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2008.
- BONDER, G. *Las nuevas tecnologías de información y las mujeres: reflexiones necesarias*. CEPAL: Santiago de Chile, Chile. 2002. (Serie Mujer y Desarrollo, 36).
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 5. ed. São Paulo: Paz e terra, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Nadya Araújo; GUIMARÃES, Iracema Brandão. Divisão sexual do trabalho, produção e reprodução. In: \_\_\_\_\_. *Relações de trabalho, relações de poder*. Brasília: EdUNB, 1992.
- CRUZ, Maria Helena Santana. *Trabalho, gênero, cidadania: tradição e modernidade*. São Cristóvão: EdUFS, Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- \_\_\_\_\_. Gênero, trabalho e Educação. In: *A formação do pesquisador em educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude*. Maceió: EDUFAL, 2003.
- COKBURN, Cynthia. Technical competence, gender identity and women's autonomy. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 12., 1990. Madrid. *Anal...* Madrid, 1990.
- COSTA, Ana Alice. *As donas no poder: mulher e política na Bahia*. Salvador: NEIM/Ufba, Assembleia Legislativa da Bahia. 1998. (Coleção Bahianas, v. 2).
- DELUIZ, Neize. *Formação do trabalhador: produtividade e cidadania*. Rio de Janeiro: Shape Editora, 1995.
- GARCÍA, Marta I. González; SEDEÑO, Eulália Pérez. Ciencia, tecnología y género. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología, Sociedad e Innovación*, n. 2, Madrid Enero-Abril, OEI, 2002. ISSN-1681-5645
- GEERTZ, Clifford. Ethos, visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo. UNESP, 1991.
- GÖSMANN, Elisabeth. et al. *Dicionário de teologia feminista*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HARVEY, David. Transformação político-econômica do capitalismo do final do Século XX. In: \_\_\_\_\_. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994.
- HARAWAY. Donna Jeanne. Manifesto ciborgue: ciencia, tecnología e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Thomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HIRATA, Helena. Novas tecnologias, qualificação e divisão sexual do trabalho. In: \_\_\_\_\_. *Nova divisão sexual do trabalho?: um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

KERGOAT, Daniele. Da divisão do Trabalho entre os Sexos. In: HIRATA, Helena (Org.). *Divisão capitalista do trabalho: tempo social, ver social*. São Paulo: USP, 1995.

MARCELLE, G. M. *Report from the online conference conducted by the Division for the Advancement of Women*. Seul, Coreia: United Nations, Division for the Advancement of Women (DAW), 2002. (Expert Group Meeting on Information and communication technologies and their impact on and use as an instrument for the advancement and empowerment of women).

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Relatório*. 2001. Disponível em: <<http://www.oit.org.br/publication>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

SABANES, Dafne Plou. *E as questões de gênero na sociedade da informação?* 2008. Disponível em: <[http://www.prt18.mpt.gov.br/eventos/2006/mulher/TIC/anais/artigos/B03-DF\\_Sabanés.pdf](http://www.prt18.mpt.gov.br/eventos/2006/mulher/TIC/anais/artigos/B03-DF_Sabanés.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2008.

SECRETARIA DA FAZENDA. Disponível em: <<http://www.sefaz.se.gov.br/internet/index.jsp?arquivo=webcontrol/html/institucionalHistorico.html>>. Acesso em: 12 out. 2008.

SCHOTTROFF, Luise. Patriarcado. GÖSMANN, Elisabeth. et al. *Dicionário de teologia feminista*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 369-374.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise útil. *Revista Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

TERRA, Nelson Freire. A evolução histórica da tributação no Brasil. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educacao/clementino/evolucaotributaria.htm>>. Acesso em : 17 jan. 2009.

WOOD, Stephen; JONES, Bryan. Qualification tacites, division du travail et nouvelles technologies. *Sociologie du travail*, n. 4, p. 407-421, 1984.